

cei

suplemento

Agosto de 1971

32

SAÚDE OU RENDA PER CAPITA

PROSPECTIVA MORAL FACE A VIDA

Gérard Cambron

Os especialistas da saúde humana já se perguntam, e em diversas ocasiões, a respeito do que é certo fazer, por exemplo, ante um pedido de aborto, a ablação de um órgão importante ou o prolongamento da vida de um doente incurável. Para orientar suas atitudes presentes, e para esclarecer moralmente seus comportamentos profissionais, certamente elas poderão tirar grande proveito ao imaginar as situações de saúde e de enfermidade das gerações futuras, ao imaginar quais serão então as exigências da vida na arrancada do admirável mundo novo.

Se, desde 1940 até os nossos dias, os progressos científicos ultrapassam tudo quanto foi realizado através do período histórico precedente, o que não se deve esperar no futuro! Do seu lado, sobretudo durante os dez últimos anos, as ciências da vida estão na vanguarda des-

ta fulgurante penetração nos segredos da matéria e da energia. Estamos de posse, hoje, do próprio código da vida pela descoberta do ADN (ácido deoxyribo-nucleico) e do ARN (ácido ribo-nucleico). O homem tem nas mãos as chaves da vida: amanhã ele a dominará completamente.

Deste modo, a história caminha a passos precipitados. O homem conscientizado assume então uma responsabilidade trágica. Sem tristeza, em virtude do abandono de certos valores do passado, ele apressa o passo resolutamente e harmoniza sua projeção de acordo com o movimento geral. Inclusive arrasta, num só impulso, os que, por inconsciência ou preguiça, se colocam contra a correnteza. Sonhando com o futuro e cultivando com carinho suas promessas, ele vive com mais realismo o presente.

Em contrapartida, habituados a visitar doentes pelas ruas das grandes cidades, os caminhos dos campos, e os corredores dos hospitais, certos especialistas da saúde humana arriscam-se a realizar tarefa praticamente inútil e a se situar completamente à margem do que constitui sua razão de ser, se eles não se propõem, com seriedade, as questões da saúde e da doença no homem de amanhã: onde estarão os vivos e os doentes? de onde os homens tirarão sua saúde? será possível cuidar da vida humana sem cultivar de modo harmonioso a vida de todos os viventes?

Se, no campo da saúde e da morbidez, fala-se de moral, é porque o homem livre, pelo simples fato de ele existir, desempenha fatalmente no mesmo campo papel da maior responsabilidade. Com efeito, se ele não existisse, a terra gozaria de uma harmonia bastante estável. Mas desde que apareceu a espécie humana sobre esta terra, a harmonia e o desequilíbrio tornaram-se igualmente possíveis. Já hoje e sobretudo amanhã, devido aos bilhões de indivíduos chegando até a Antártica e a Amazônia e devido ao poderio técnico de crescimento ilimitado, a espécie humana arrisca sua própria harmonia e sua existência pondo em risco a harmonia e a existência da terra. Se o homem não pudesse fazer nada nesse sentido, o assunto estaria encerrado. Mas é o contrário que é verdadeiro: ou ele desempenha bem o seu papel de rei da terra e prospera com ela, ou ele torna-se tirano e morre ao arruiná-la.

Ademais, a vida reclama. Ela jorra com vigor próprio. Ela contém em si mesma as leis do seu nascimento, crescimento, diversificação e evolução. A vida humana faz parte integrante desta vida global. Ora, esta vida global tem todos os direitos. Ela exige em particular que o homem desempenhe um papel em favor da sua evolução harmoniosa. Ela

o condena e pune desde que ele a desequilibra e bloqueia sua evolução.

Não é por conseguinte o homem quem dita suas leis à vida. Ele deve tomar consciência humildemente de sua posição de ser um fruto da vida, em integração com todos os outros seres vivos da terra. E se, em virtude de seu poderio e liberdade, ele exerce domínio sobre a vida, no entanto porque ele não é o seu criador ele não é tampouco o legislador. É apenas ao se fazer discípulo dos ensinamentos da vida que ele pode agir em seu favor. Ignorando o que ele já poderia saber das leis da vida o homem se torna culpado dos desequilíbrios e mortes devidos a esta ignorância mesmo se, assim agindo, ele obedecesse às leis ditas superiores como os tabus sagrados. Quantas imoralidades se cometem sempre em nome de uma moral oficial!

Portanto, por exigência da própria vida, o homem nela intervém por fatalidade e em obediência às suas leis. O homem, consciente e livre, nisso se engaja por obrigação moral. Mesmo sem poder escapar à responsabilidade da vida, é livremente que ele assume essa responsabilidade. Se por ignorância inaceitável, preguiça, ação arbitrária ou negligente ele acumula nos viventes, detritos que os desequilibram e corrompem, ele se torna culpado. Se, pelo contrário, ele se dedica ao estudo de suas leis e escrutina seus segredos e se devota a seu equilíbrio global e a sua evolução, ele age segundo a sua própria natureza e, por causa de sua liberdade, merece honra e louvor.

No plano moral, o cristão não é diferente de nenhum outro homem. Face à vida, ele está sujeito às mesmas exigências e assume responsabilidades semelhantes. No entanto, quando vive em Igreja, ele usufrui de uma vantagem apreciável: em comunhão com os seus irmãos e com seu concurso, ele coloca

em debate os problemas com que se defronta, e os esclarece através de uma referência às Escrituras inspiradas e à doutrina dos Padres e dos Doutores transmitida pela Igreja universal e sua autoridade legítima. Assim o cristão, que vive normalmente sua Fé em Igreja, é levado a sensibilizar-se mais perante os problemas contemporâneos, a compreendê-los melhor, a trabalhar mais inteligente e eficazmente para suas soluções a difundir ao redor de si, em favor de todos seus irmãos não-cristãos, uma visão mais justa do mundo, um ardor para trabalhar em sua construção, enfim, a esperança fundada sobre as promessas escatológicas de seu Senhor e Libertador.

A UNIDADE DA VIDA

O cristão admite como verdade firmando na Igreja que o homem é, nesta terra, um ser privilegiado, excepcional, que, sob certo aspecto, não está haurindo sua origem de forma semelhante à dos seres, mas imediatamente de Deus. Este último lhe soprou o próprio sopro da vida (Gen. 2, 7). E eis como o ser especial que é o homem, mesmo que ele morra, não morre completamente. Deus declara, com efeito: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, ele não é um Deus de mortos, mas de viventes" (Marcos 12, 26-27).

Contudo, apesar de sua fé na criação imediata da alma e em sua imortalidade natural, o cristão não está autorizado a recusar a unidade da vida sobre a terra. Pois este último fato ao que tudo indica, é certo, e o homem é seu fruto necessário e permanente. Sem esta estreita relação com a vida da terra, Deus não o teria criado. Eis porque o cristão encara esta questão da unidade da vida da mesma forma que todos os outros homens.

A vida sobre a terra não é uma categoria fundamental como o são a matéria e a energia. A vida originou-se tarde em consequência de certas combinações moleculares. Estas combinações não podem ter existido sempre, pois que mesmo alguns elementos essenciais a estas combinações não podem ter existido sempre. Como consequência, a vida deve ter tido um começo e é esta vida, uma em seu começo, que veio até nós. Ela se concretizou pouco a pouco nos viventes e nos sistemas dos viventes. Estes últimos se reproduziram, adaptaram-se aos diversos condicionamentos por mutações e reproduziram suas mutações.

Ademais, a universalidade do código genético e o fato que lhe é relativo, isto é, que os ácidos nucleicos e as proteínas de toda espécie são constituídas a partir dos mesmos elementos vivos, leva à conclusão de que todos os organismos conhecidos são fundamentalmente semelhantes. Apesar das aparências, existe uma única forma de vida sobre a terra. A vida deve ter começado uma única vez. A data deste começo pode ser fixada em 3.1 bilhões de anos atrás.

Cada vez mais o homem toma consciência da origem única da vida. Ele contempla todos os dias este fenômeno quase miraculoso na geração, gestação e nascimento de complexos vivos tais como o homem: a célula primitiva tão pobre e tão simples, sua multiplicação, sua diversificação, etc. O homem é um fruto desta vida. Ele progredirá por conseguinte na consciência desta unidade. Ainda mais, pelo seu número e pelo seu poderio técnico, ele agirá sobre a vida como fato uno. Ele condiciona-la-a no nível do ambiente. Ele se transformará, em mestre de seu futuro. Chegará à autodestruição? chegará ao aperfeiçoamento? criará espécies selecionadas de si mesmo? impedirá as reproduções defeituosas? Munir-se-á de outra forma de

reprodução sem ser a fertilização do óvulo feminino pelo esperma?

A consciência da unidade da vida só, bre a terra estende-se já e estender-se-á sempre além da classe dos homens de ciência e logo será comum às massas populares. As falhas dos especialistas da saúde humana para isso terão contribuído. Com efeito, êles se dedicaram ao cuidado dos doentes e permitiram que a humanidade poluisse os ares e as águas, esterilizasse os solos, as florestas e os mares. Com cuidados sanitários e medicamentos êles salvaram milhões de homens, mulheres e crianças para os entregar contudo ao suplício da fome. Pior ainda, permitindo que massas crescentes de homens apodrecessem na miséria, êles cultivaram um processo de deterioração da vida em larga escala, ameaçando assim e na própria raiz o valor das gerações futuras. Em vão se construirão hospitais e se desenvolverá um alto nível de ciência e arte médicas se não se curar radicalmente a fome e a miséria no seio da humanidade. De que serve devolver a saúde a indivíduos, aos milhares que sejam, se o gênero humano deve perecer dentro em breve por contaminações massivas ou ainda pela fome, como já é o caso para metade da população do globo.

O homem tornar-se-á portanto cada vez mais responsável pela vida, pois ele exercerá influências sobre ela em toda parte e até na sua própria raiz: ele encherá a terra e empregará instrumentos técnicos poderosos. Ameaçará cobrir a superfície do globo com seus próprios descendentes e animais domesticados. Conservará alguma coisa nos museus, nos jardins botânicos e zoológicos. O que ele fizer a partir desse ponto, quer mexa na terra, água, ar ou fogo — para empregar as categorias dos antigos — quer lide com plantas, animais, ou o que quer que seja, será para atingir infalivelmente

o coração da vida, envolvendo sempre a sua própria existência nessas atividades. Assim portanto, todos os homens intervirão no comportamento da vida em geral e atingirão fatalmente o comportamento da vida humana. Deste modo todos os homens tornar-se-ão responsáveis por todas as vidas, e se alguns dentre êles se dedicarem às ciências e às artes da saúde, será no sentido de orientarem suas atividades não tanto para curar os doentes mas para tornar todos os homens capazes de cultivar a vida em todo o universo. Isto precisará ser feito de modo que todos os homens tenham plenitude de vida afim de criarem vida ao seu redor, conservando a saúde graças à saúde que cultivam no mundo ambiente.

Por suas ciências e artes, os especialistas da saúde humana apresentam um outro argumento particularmente vigoroso em favor da consciência relativa à unidade da vida, que leva necessariamente à unidade do seu cultivo. As próprias ciências médicas consistirão cada vez mais numa troca constante e abundante com uma multidão de outras ciências. Atualmente as ciências médicas se desenvolveram amplamente em suas partes essenciais: anatomia, fisiologia, patologia, citologia, ortopedia, cirurgia, cardiologia, neurologia, endocrinologia, psiquiatria, etc.; são tão ricos êsses conhecimentos que nenhum homem pode ambicionar assimilá-los de uma vez. Que dizer, porém, das outras ciências sem as quais as ciências médicas se tornam e se tornarão cada vez mais incompreensíveis: física, bio-física, química, química-orgânica, bio-química, microbiologia, genética, imunologia, virologia, farmacologia, radiologia, psicologia, sociologia, zoologia, etc., até o gênio mecânico criador de instrumentos e de máquinas sem as quais não se pode mais cuidar da saúde humana? Que dizer ainda de

muitas outras ciências como a ecologia e a economia política?

Com efeito, não estamos mais nos tempos em que os homens viviam em pequenos grupos, isolados num ambiente imenso, de equilíbrio autônomo. Pelo contrário, elas ameaçam saturar o ambiente da vida, a própria terra, os viventes e os não-viventes que são fortes de sua própria vida.

Não estamos mais no tempo em que os homens viviam em civilizações fechadas, tão distantes uma das outras como está presentemente da humanidade uma possível sociedade de viventes num planeta qualquer do universo infinito dos astros. Pelo contrário, as sociedades e as nações cruzar-se-ão e multiplicar-se-ão comunicando-se mutuamente sua saúde e morbidez.

Não estamos mais no tempo, não tão distante — alguns anos atrás — quando o homem ignorava tudo do código da vida e dos segredos de sua transmissão, crescimento, diferenciação e evolução. Pelo contrário, amanhã, o homem dominará esse setor e poderá contribuir eficazmente para a evolução das grandes espécies animais e para o controle de sua própria espécie.

O homem sabe o que é um ser vivo, seja na dimensão microscópica ou na da terra inteira, do começo ao fim da escala biológica: uma entidade que pode utilizar matérias químicas e energia ao redor de si para se reproduzir, que pode sustentar uma mudança permanente, mutação que será transmitida às gerações seguintes, e tendo acumulado uma grande quantidade delas poderá evoluir até tornar-se um outro ser completamente diferente na forma (uma outra espécie). O homem saberá cada vez mais o que são os viventes e ele saberá controlá-los no seu ser e no seu futuro.

O homem conhecerá também os limites da vida, isto é, a quantidade de restos que ela não pode mais absorver, quer

se trate da vida individual com relação a seus próprios detritos ou aos que lhe são impostos pelo exterior, quer se trate da vida na escala terrestre, numa relação semelhante. O homem saberá, assim, cada vez mais identificar seus detritos e controlar sua absorção.

AS TRÊS PERSPECTIVAS DE AMANHÃ

No futuro, o homem enfrentará as três perspectivas seguintes: a vida humana será fruto de uma harmonia criada por ele 1) — entre si e o mundo ambiente, composto de viventes e de não-viventes, numa dimensão terrestre. Além disso, a vida humana exigirá a criação de uma outra harmonia no seio da própria humanidade; 2) — em primeiro lugar, quantitativamente e segundo o número dos indivíduos, 3) — em seguida, qualitativamente, isto é, segundo o valor de seus bens.

1 — O homem e seu ambiente

O tratamento ecológico dos problemas bio-médicos tem longa tradição. Com efeito, ele remonta com formas altamente sofisticadas a 2500 anos atrás, ao tratado escrito por Hipócrates nesta época: "Os ares, as águas e os lugares". O tratado ultrapassou a simples relação dos diversos tipos de doenças e de sua frequência em função do meio ambiente. Com certa audácia ele fêz ver que o clima, a topografia, o solo, a alimentação e a água afetam não sómente o estado da saúde, a estatura física e os padrões de comportamento das diferentes populações, mas ainda as proezas militares e as instituições políticas. Experiências recentes com os animais e observações com crianças estabeleceram acima de qualquer dúvida que as influências do ambiente, durante os primeiros anos da vida, afetam realmente o conjunto da vida humana muito mais profundamente e de modo decisivo do que Hipócrates

já havia suspeitado. Eis porque se deve afirmar que sem uma planificação do meio ecológico humano, por toda parte e até à escala das regiões, os homens põem em perigo sua existência, assim como a vida em geral.

A ecologia é o ramo da biologia que trata das relações mútuas entre os organismos (plantas e animais) e seu ambiente.

Assim, o homem não deve ambicionar a conquista do mundo mas antes a criação de um clima de harmonia no qual ele mesmo se equilibre vitalmente com o meio ambiente. Isso é fundamental para sua saúde e sobrevivência. A cultura de toda espécie de beleza dos ambientes lhe é necessária.

Por outro lado, deve-se considerar como elementos que prejudicam certamente a vida em geral e a do homem em particular: os desflorestamentos massivos, a extinção das espécies animais e vegetais, a esterilização dos solos e a expansão dos desertos, a poluição das águas e do ar, os ruídos das usinas e das cidades, as densidades muito grandes da população. Serão considerados altamente criminosos os atos de devastação dos espaços verdes e a feitura repugnante dos subúrbios superpovoados das grandes cidades. Pior ainda: a contaminação de populações inteiras pelo vetor de certos rios como se verifica no Estado de Alagoas, infestado de esquistossomose.

Aclama de tudo no entanto, existe o espectro da fome. Sómente para manter os níveis atuais de produção alimentar no mundo durante os próximos 15 anos, será necessária uma produtividade agrícola acrescida de 50%. Esta exigência é o mínimo que se pode aceitar quanto à dupla necessidade de caloria e de proteínas. O crescimento anual na produção agrícola era inferior a 2% nos últimos 5 anos, o que constitua um déficit face

ao crescimento da população. Segundo uma projeção global para os próximos 15 anos na média de alimentação ao alcance de cada pessoa, registrar-se-á uma diminuição de mais de 5% em relação aos níveis atuais já tão deficientes.

No ritmo atual de crescimento da humanidade, haverá sobre a terra no ano 2000 entre 6 a 8 bilhões de homens. Ora, sem uma mudança radical e rápida na produção dos bens necessários à vida — alimentação, vestuário, habitação — a situação da humanidade piorará de três a quatro vezes mais em relação ao que é agora. Deve-se pensar na esterilização das gerações. Mas, antes de mais nada seria falho não encarar a vida de hoje para dar base à vida de amanhã. A medida que cresce a população no Brasil, diminui sua produção alimentar per capita por ano. Aliás, mesmo em escala nos próximos decênios. Uma vez que a mundial, anuncia-se uma grande fome natalidade não pode ser verdadeiramente reduzida durante os dez anos vindouros, torna-se forçoso desenvolver os meios de viver bem hoje e amanhã.

Esta política futura de abundante produção alimentar deveria ter sido posta em prática já há muito tempo devido à alta incidência de morbidez e mortalidade registrada no seio da maioria das nações do mundo, por causa da desnutrição. Nas nações subdesenvolvidas mais do triplo de pessoas morrem de desnutrição do que se morre, nos Estados Unidos, das cinco mais importantes causas de morte (doenças do coração, lesões vasculares, câncer, doenças das vias respiratórias e acidentes). Consequentemente, o desenvolvimento, o aperfeiçoamento do controle das doenças dos animais e a melhoria na produção da carne de boi e de aves, leite, ovos representam um dos mais importantes meios de tratar o problema. O aumento da produção vegetal é ainda mais urgente.

Em primeiro lugar e antes de tudo, o homem vive de pão, arroz, feijão, legumes, carne, ar e água puros, sol, espaços verdes e beleza. O primeiro dever dos especialistas da saúde será promover a criação de um rico habitat para a humanidade e, em particular, para a Nação.

2 — Distribuição das populações

Fazendo desabrochar a vida de todos os visitantes por toda a terra, o homem viverá mais saudavelmente: é por conseguinte servindo a vida universal que ele se serve a si próprio. Do mesmo modo, cada um é muito mais fruto da humanidade do que de si mesmo: tirar-se-á então proveito do cuidado com a saúde dos grupos humanos e das nações, se for deseável que cada um viva com excelente saúde.

Nas populações pode-se considerar o número dos indivíduos, as classes sociais e as etapas da vida.

No Brasil a população estará multiplicado por 14 durante o século XX: 52 milhões em 1950, 71 milhões em 1960, 83 milhões em 1966, 240 milhões no ano 2.000. É necessário diminuir a taxa de crescimento populacional? Parece que sim. Empregar-se-ão os meios de outrora — guerras, pestes, fomes, etc. — para se conseguir isso? Ou os meios anti-concepcionais, o aborto, a esterilização? Materialmente falando, em termos estritos de crescimento de população e de produção, há lugar sobre a terra para um número muito maior de seres humanos. Cultivando as terras aráveis no estilo holandês, a população pode atingir o número de 60 milhões de homens, e no estilo japonês, chegará a 90 milhões. Mas assim o homem seria equiparado às outras raças animais: o critério de produção agrícola isoladamente não pode servir de base para o estabelecimento

do número optimum da população do globo ou de um país.

Até agora, porém, a capacidade da produção permanece um critério fundamental. Quando cerca de 50% das populações têm menos de 15 anos, é difícil pensar que a produção possa crescer rapidamente para satisfazer as necessidades de todos. A insatisfação biológica tornará toda a vida humana desconfortável, difícil, e provocará mal-estar social e político.

Uma política populacional tanto universal quanto nacional torna-se pois urgente. Ela deve ser obra de todos. No Brasil, esta política consistirá, em primeiro lugar, na distribuição da população, bloqueando sistematicamente o amontoado monstruoso das cidades gigantes e favorecendo a ocupação de uma imensa parte do território, até agora mantida desabitada. Esta operação é menos custosa do que a urbanização racional das grandes capitais.

Mas este trabalho da distribuição das populações não basta. É preciso acrescentar a ele desde agora os serviços de educação popular em vista da planificação familiar. Mais do que ninguém os especialistas da saúde estão implicados nesse processo. Cuidado com o trabalho empreendido sem uma política populacional coerente, tanto na dimensão do globo, quanto na da Nação! De outro modo, cometer-se-ão crimes. Às cegas no passado, com remédios-milagres servidos de longe e sem tomada de responsabilidade, favoreceu-se a sobrevivência de mães e crianças, multiplicaram-se as bocas a ser alimentadas sem a preocupação com a produção alimentar. Num certo sentido, são os especialistas da saúde humana os responsáveis pela fome crônica que hoje afeta a maior parte da população do globo. Eles não corrigirão seu erro passado lançando também às cegas e de longe os instrumentos anti-

concepcionais produzidos industrialmente. A este respeito a China de Mao Tse Tung merece ser consultada. Existe sobre a terra uma nação com maior necessidade de controle de natalidade? Ora, em todas as suas "comunas", depois do fracasso no uso cego dos instrumentos anti-concepcionais, adotou-se o estilo de educação: um amor verdadeiro e bem cultivado entre pessoas suficientemente alimentadas e politicamente responsáveis — eis o instrumento infalível para o controle racional da natalidade. Após isto e sómente após, os outros instrumentos adquirem valor e obtém sentido: eles se tornam meios enobrecidos pela qualidade humana dos usuários e por sua vontade de servir a Nação e a humanidade.

Que dizer agora a respeito deste aspecto populacional: a distinção das classes sociais?

O sistema médico atual — como aliás o sistema de instrução pública — é uma criação do mundo aristocrático. Ele recrutou seus profissionais entre a elite da sociedade e serve esta mesma elite quase que exclusivamente. Poucas coisas foram realizadas mesmo no seio das nações ricas para servir as camadas menos favorecidas da população: nos Estados Unidos, por exemplo, registra-se um alto índice da mortalidade infantil, o que coloca a nação mais rica do mundo no décimo quinto lugar neste setor. É uma revolução mental que exigirá esforços, por parte dos detentores da ciência, da técnica, do poder econômico e político, para conceberem os meios de não reter injustamente a arte de cultivar a saúde para o serviço exclusivo da elite, e de descobrir como promovê-la no seio da maioria da população brasileira. Isso não consegue, pondo necessariamente o sistema médico atual, tal qual é, ao alcance de todos — como se pensa que se deve fazer igualmente com o sistema de educação. Com efeito, um hospital

construído um dia em meio desfavorecido atraiu as populações circunvizinhas num perímetro de vários quilômetros. Não mudou em nada a incidência de morbidez e mortalidade. A medicina popular e os curandeiros faziam trabalho eficaz até o momento. O hospital tentou substituí-los. Seu pessoal ficou logo sobrecarregado com a procura dos ricos; os pobres ficaram mais miseráveis, a partir de então privados até dos meios tradicionais legados pelos antigos.

Os especialistas da saúde humana, formados no estilo ocidental, devem saber que não é sem grande esforço que irão de encontro a um verdadeiro serviço às massas populares e que êles, neste serviço, farão render os talentos e técnicas que no mesmo são desenvolvidos. No entanto, este esforço é uma exigência da saúde nacional como também a da humanidade inteira.

E o que dizer enfim deste outro aspecto populacional — as etapas da vida?

A vida humana deve ser cultivada particularmente nos momentos de gestação e durante os meses que seguem imediatamente ao nascimento. Nesta época, o ambiente desempenha papel de primordial importância.

Tal fato é comprovado cada vez mais ao verificar-se as doenças dos comportamentos humanos e ao se descobrir as suas causas: estado físico e psíquico da mãe, habitação malsã, bairro poluído, ausência de beleza e alegria, densidade muito grande da população, isolamento, desnutrição. É a partir do momento da gestação até os dois anos após o nascimento que se desempenha de modo mais dramático a sorte do ser humano, e sua capacidade de saúde para toda a duração de sua existência. Não resta dúvida, portanto, que os especialistas da saúde devem garantir um serviço eficiente para essa época da vida humana, prioritariamente, sempre à escala nacional e mundial.

Vem, em seguida, a época do crescimento em particular, o desenvolvimento da capacidade intelectual, que termina no homem por volta dos quinze anos. Esta época exige igualmente muita atenção da parte do especialista da saúde: é então que o homem se consolida por completo sua saúde para toda a seqüência dos seus dias.

De 15 a 50 anos, o homem não deveria exigir tantos cuidados médicos. Se, portanto, os especialistas da saúde estivessem por demais absorvidos pelas pessoas nesta etapa da vida — fora dos casos de maternidade — seria o sinal de que a própria Nação está gravemente doente pela falta de não haver tratado a tempo os seus filhos durante a primeira e a segunda etapas. As perspectivas podem ser adulteradas igualmente pelo abuso apoiado pelo poder social e pela иса do ganho.

Além dos 50 anos, o homem tem necessidade de descobrir as artes de uma vida confortável e, ademais de se sentir eficaz no serviço à nação. Os especialistas da saúde não terão muita dificuldade em ajudar as pessoas idosas se estas foram bem cuidadas durante a primeira etapa e durante a segunda.

De tudo o que foi dito patentela-se que o problema populacional exigirá, para sua solução racional, uma política empreendida por todos, com o concurso dos cientistas, particularmente dos especialistas da saúde humana, na qual se dará prioridade à distribuição especial da população, à criação dos ambientes, e à produção alimentícia, ao serviço da Nação como tal, aos cuidados oferecidos de preferência às duas primeiras etapas da vida: da gestação aos 2 anos e em seguida até aos 15 anos.

3 — A seleção na espécie humana

Graças aos cuidados médicos e à utilização dos remédios-milagres, mesmo

no seio das populações miseráveis, graças também aos progressos técnicos da cirurgia, muitos defeitos genéticos se propagam na humanidade, com consequências desastrosas, e em proporções crescentes. Sómente um conhecimento profundo dos gens, e de seus portadores pode permitir o corte do mal pela raiz, aliando por conseguinte a ciência, a arte e a pedagogia em vista de uma reprodução ou de uma não-reprodução livre. De qualquer modo, torna-se urgente considerar-se o aspecto qualitativo do problema populacional.

Evidentemente, não se trata apenas de obter uma vida vegetativa confortável, imune a taras incuráveis, mas de ir até à geração de um agente felizmente responsável pela vida. Todo esforço para promover a vida do homem deve acompanhar-se da possibilidade de fazê-lo feliz. Há tantas pessoas com saúde que estão gessostas da vida! Quando se pensa ainda nos bebês postos no mundo que não são desejados — 25% nos Estados Unidos — para a infelicidade dos que os geram, dos que são gerados e de seu círculo humano.

De qualquer modo, o problema será colocado na seleção genética: a Nação e a humanidade têm direitos prioritários aos dos indivíduos. Aliás, os próprios indivíduos usufruirão da saúde da Nação e da humanidade. Visto que se poderá ler com antecedência as anormalidades dos cromossomos e a fatal geração de anormais, cada um deverá ter sua ficha genética estabelecida e, consequentemente, medidas serão previstas para que não gerem aquêles cujos gens são deteriorados. Os gens são os fatôres hereditários que passam dos pais para os filhos.

Os Esquimós matam após o nascimento toda criança primogênita de sexo feminino. Para elas é uma questão de sobrevivência na escala de sua nação. Temos o direito de condená-las? O sui-

cídio da nação seria menos condenável que a supressão de alguns recém-nascidos e em determinadas circunstâncias?

Nisto ainda aparece a necessidade da criação de uma política em escala nacional e em vista da difusão da saúde para toda a Nação. Não se trata da sorte de alguns indivíduos tomados isoladamente, mas também do destino do grupo humano como tal. Toda prática de destruição de fetos anormais e de inseminação artificial só pode adquirir sentido considerando-se a vida dos grandes conjuntos, seguindo-se projetos estabelecidos pelos cientistas e sábios da Nação.

O homem chegará lá. Os especialistas da saúde humana farão bem associando-se o mais cedo possível aos representantes das forças vivas para estabelecerem a política da saúde da Nação, no plano qualitativo, tendo em conta a obrigação de suspender a ação da transmissão de taras hereditárias e, ademais, de fazer evoluir a espécie humana. É apenas em tais circunstâncias e fazendo justiça à Nação e à humanidade que se poderá debater a respeito da ficha genética, da eliminação dos séres que não oferecem condições materiais de vida humana, da inseminação artificial, da geração efetuada por outros meios que não a fecundação do óvulo feminino pelo esperma. Tudo isto leva ao desejo de que o Ministério da Saúde se transforme no mais importante dos ministérios da Nação, comandando em verdade a política de todos os outros, consagrado à perfeição fisiológica da Nação como tal e à vida em seu desabrochar.

CONCLUSÃO

A tarefa futura da saúde do homem, paralela à da vida universal, obrigará os especialistas da saúde a pensar, a planificar e a operar em conjunto com os biólogistas, os ecologistas, os técnicos

de produção alimentícia, etc. Os especialistas da saúde humana considerarão, com prioridade, a saúde da Nação e da humanidade, o que não quer dizer desprezo pelo indivíduo (estamos aqui no plano da mentalidade e das políticas gerais).

Impõe-se igualmente a utilização do gênio mecânico e de sua produção através da máquina — em particular, a da informática — e de seus instrumentos.

O princípio moral que guiará a descoberta do que se deve fazer e do que não se deve fazer pode-se formular da seguinte maneira: é pela consideração dos grandes conjuntos, tanto como geradores ou como corruptores da saúde nacional e mundial que se deve decidir toda a operação.

Conseqüentemente, todos os julgamentos morais expressos em termos de cuidado pela saúde humana continuam ambíguos desde que eles se limitem a casos individuais sem sua referência normal à situação concreta dos grandes conjuntos, por exemplo: uma inseminação artificial, o aborto antes do quarto mês de gestação.

Em favor desta perspectiva de globalidade, o cristão pode fazer referência à encarnação liberadora do Filho de Deus. É um ato de cura humana. O gesto é global. Ele atinge a humanidade no seu conjunto, todos os homens de todos os tempos, em sua própria natureza, no âmago de seus séres. Deus não tem desprezo pela pessoa individual. Ele simplesmente deu prioridade à espécie. “Deus se fez homem para que o homem se torne Deus” (canto de Natal).

N. B.: Foi importante, para este texto o uso de *Biology and The Future of Man* editado por Philip Handler, President, National Academy of Sciences, Oxford University Press, New York, London, Toronto, 1970.